



UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Vanderléia Moreira Barrozo

LEITURA DE IMAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR



UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Vanderléia Moreira Barrozo

LEITURA DE IMAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Humanas – UNIMES, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais, sob a orientação da Prof^ª Maria Emilia Sardelich.

ANDRADINA

2011

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar estratégias de Leitura de Imagem no ensino fundamental. *A metodologia utilizada na realização deste trabalho de Curso foi à pesquisa bibliográfica.* Este tema tem sido amplamente discutido por diversos teóricos que apresentam estratégias metodológicas para esse fim. Nossos alunos já desfrutaram de experiência visual antes mesmo de entrar na escola e mesmo por desfrutarem destas experiências visuais, isso não é garantia de estarem compreendendo o que estão lendo ou que já tenham uma habilidade crítico-reflexivo bem desenvolvida. *A escolha deste tema deve-se ao fato de que nos dias atuais, o significado da palavra “texto” vai mais além do que uso da linguagem escrita.* Por isso, nós arte-educadores devemos oportunizar ao aluno os caminhos para leitura de imagens seja daquelas produzidas pela publicidade ou pela arte, levando-os ao domínio dos códigos visuais através da sensibilização, da familiarização e do contato freqüente com as imagens. Induzindo-os a perceber que ler é uma atividade que traz conhecimento e que esse conhecimento pode ser de uma forma prazerosa e divertida.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de arte, leitura de imagem, estratégias de leitura de imagem.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....5

CAPÍTULO I

LEITURAS.....8

1.1 O Conceito de Leitura.....14

1.2 Níveis de Leitura..... 16

CAPITULO II

2. LEITURA DE IMAGENS.....22

2.1 A Leitura de Imagens na educação.....23

2.2 A Leitura de obra de arte.....25

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 67

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....69

INTRODUÇÃO

O mundo vive a civilização da imagem como um dos fenômenos culturais mais importantes e apaixonantes do homem civilizado. Atualmente estamos vivendo intensamente a era visual, na qual cada vez mais percebemos o mundo por meio de imagens. No entanto, essa realidade não é nova, porque desde os primórdios da pré-história o homem procura formas de se comunicar e a escrita não foi a única e nem a primeira forma que eles desenvolveram para esse fim. Prova deste fato são as pinturas rupestres encontradas nas cavernas da Serra da Capivara, no Brasil. Mesmo naquela época já lançavam mão do uso das imagens para registrar suas idéias e os acontecimentos marcantes da comunidade.

Experimente contar quantas imagens vemos diariamente. Impossível! Se fossemos parar e pensar em quantas imagens vemos diariamente, não daríamos conta. Afinal, somos “bombardeados” com infinitas imagens, que muitas vezes passam despercebidas e que aparentemente parecem não ter sentido: imagens fixas ou em movimento; imagens virtuais do computador, do cinema, do vídeo, da televisão; imagens da arte: fotografias, pinturas, desenhos, esculturas, espetáculos cênicos; imagens didáticas; tabelas, gráficos, mapas, ilustrações; imagens publicitárias; a paisagem natural e construída pelo homem.

Na sociedade atual o texto não é o único a transmitir mensagens, as imagens refletem inúmeras idéias e conceitos. Quando as palavras não são suficientes aderimos a imagens, aliás, os significados das imagens podem variar de acordo com o repertório de quem faz a leitura.

Pensar nas imagens como meras ilustrações seria um engano grotesco, pois tais elementos visuais estão carregados de informações sobre nossa cultura e o mundo em que vivemos. As imagens estão carregadas de intenções e também podem se propor a ensinar.

Quando falamos em leitura muitos ainda associam a livros, revistas, jornais, etc., enfim, textos e palavras. Quando pensamos em texto, não pensamos em um amontoado de palavras, nem uma grande frase. Pensamos num texto estruturado, com significado. Assim como o texto, a imagem também tem sua estrutura, os elementos que a compõe como a linha, a cor, a luz e os princípios que a fundamentam destacando o movimento, o equilíbrio, a unidade, o ritmo, a harmonia. Dessa maneira assim como o texto a imagem também pode ser lida.

Consideramos que a leitura de imagens pode ser iniciada já no Ensino Fundamental, levar o aluno a perceber esta forma de representação. Despertando o gosto no educador e no educando em trabalhar com a leitura de imagem, sendo não mais um recurso para se alcançar à aprendizagem, mas direcionar o olhar para que aprendamos um pouco mais que informações que as imagens nos trazem, nos apresentam o que elas querem nos dizer. Facilitaria a nossa compreensão dos valores das artes visuais e dos seus modos de fazer; promoverá a avaliação crítica e a apreciação estética e desenvolvendo a imaginação.

A escolha do tema deve-se ao fato de nos dias atuais, o significado da palavra “texto” vai mais além do que uso da linguagem escrita. Sendo assim, acreditamos que as praticas pedagógicas não devem ser pensadas apenas em função do código lingüístico.

Desta forma nós arte/educadores poderemos nortear os trabalhos pedagógicos com os alunos de forma coerente e satisfatória garantindo assim um, trabalho produtivo e prazeroso.

Após observar as metodologias de Anamélia Bueno Buoro, Robert Willian Ott e a proposta de projeto de Fernando Hernández, referente a questão de leitura de imagem, onde relatam que a imagem é passível de leitura, de interpretação e compreensão, acredito que todas são validas, porém a que prendeu meu olhar foi a de Robert Ott, Observando Imagens (Image Watching).

A metodologia Observando Imagens mostra-se adequada, apresentando etapas bem definidas e articuladas. E apesar de ter seqüências pré-estabelecidas pode ser adaptada e fazer relação com a realidade do aluno. Porque dentro de um grupo de estudo, além dos textos expostos para leitura e discussão cada participante traz sua experiência vivida para sala de aula.

A metodologia de Robert Ott expõe de uma forma bem simples como podemos dialogar com a obra de arte.

Robert Ott propõe um caminho, mas cabe ao educador incrementar suas aulas com seus conhecimentos e prática vivenciada na arte e as necessidades de sua sala de aula.

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivos conceituar leitura e leitura de imagens, apresentar estratégias de leitura de imagens sistematizadas por diferentes autores, diferenciar as características das estratégias de leitura de imagens apresentadas, identificar a estratégia de leitura de imagem adequada para o nível de ensino fundamental.

A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica. A estrutura do trabalho monográfico ficou dividida em três partes: Capítulo I, onde apresenta leituras e leituras; o conceito de leitura; os níveis de leitura; Capítulo II que destaca a leitura de imagens, a leitura de imagens na educação e a leitura de obra de arte e, finalmente ,as considerações finais do trabalho.

CAPÍTULO I

1. LEITURA E LEITURAS

Quando falamos em leitura, a primeira coisa que nos vem em mente é o ato de decodificação da linguagem escrita. Onde associamos a esta questão alguém lendo um jornal, uma revista, um livro, uma carta. Restringindo esse conceito de leitura apenas a decifração da escrita. Ou seja, costumamos usar a palavra leitura significando leitura de texto.

Nas figuras abaixo podemos constatar essa representação.



Pierre-Auguste Renoir (1841-1919)

As duas irmãs (Les Deux Soeurs), 1889



José Ferraz de Almeida Júnior (Brasil 1850-1899)
Família reunida em casa do interior, s/d
Óleo sobre tela



Anton Ebert (Alemanha 1845-1896)

Histórias na hora de dormir, 1883
Óleo sobre tela.



Eugênio Zampighi (Itália 1859-1944)
Lendo as notícias, s/d
Óleo sobre tela



Anita Malfatti (Brasil 1889-1964)

Menina lendo, 1930

Óleo sobre cartão, Coleção Particular



Aldo Bonadei (Brasil, 1906-1974)

A leitura, 1950
Óleo sobre tela

A escolha das imagens para observação levou-se em conta o núcleo familiar associado à leitura, pois a mesma é o primeiro espaço de socialização. Nela acontecem às primeiras experiências que irão marcar o sujeito por toda vida. E o hábito da leitura é uma delas.

Freire (2001) afirma que a leitura de mundo precede a leitura da palavra haja vista que toda leitura é influenciada pela experiência de vida do leitor. Desta forma quanto maior for o “conhecimento de mundo” maior a apreensão de novos conhecimentos.

Muitos pais crêem ser necessário que se façam mais leituras para a melhor compreensão do mundo e da sociedade em que seus filhos estão inseridos, mas muitos não incentivam os filhos a lerem mais ao invés de passarem muitas horas em frente à televisão.

A televisão pode ser considerada como uma fábrica que determina “padrões de comportamento”, onde as imagens são as mais variadas. Mostram-nos tendências, modismos, costumes, modelos, conversas e interesses. Tornando-se desta forma um dos meios audiovisuais com mais propósitos de manipulação, de propaganda e de alienação.

Enquanto as experiências de telespectador muitas vezes nos restringem, as experiências como leitores nos permitem um conhecimento mais profundo e variado da cultura humana, registrada através dos séculos nas obras escritas.

A leitura tem o poder de oferecer possibilidades de vínculos das próprias idéias, julgamentos, recordações e ainda um entendimento autônomo do texto, uma vez que a televisão oferece algo já pronto, definido, estabelecido, treinando as crianças para se identificarem com o que assistem.

Ler nos permite abri-se para novos horizontes, experimentar alternativas de existência, nos permitindo uma maior possibilidade de participação social e de melhoria de sua condição de ser humano e uma visão de mundo maior.

Como visto o saber ler é imprescindível na vida do cidadão e da sociedade como um todo. Mas não existe um único objeto de leitura, podemos também usar a palavra leitura em um sentido menos comum, significando leitura visual. Essa é uma outra maneira de ler o mundo, não decifrando letras, mas decifrando

imagens. Imagens que preenchem nossos olhos do momento em que acordamos até à hora de dormir.

A ampliação desta noção de leitura pressupõe transformar esta visão a qual estamos presos, que o conceito de leitura está ligado apenas à produção de leitura, a trabalhos letrados, “(...) aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados” (MARTINS, 1982, p. 34).

A partir dessas palavras é possível começarmos a ampliar a visão tradicionalista para uma mais ampla sobre a noção de leitura.

Isso quer dizer que não lemos somente as palavras, como constatamos a seguir:



Observando os ícones anteriores, conseguimos entender o que querem nos comunicar. Existem placas com apelo visual e outras de apelo verbal. As que apresentam linguagem verbal podem ser consideradas mais eficientes por serem mais diretas. Pois dizem exatamente o que querem informar, porém é preciso saber ler e entender o idioma em que foi escrito. Já as placas que apresentam linguagem não verbal permitem que seja feita uma interpretação, independente de saber ler ou de entender o idioma. Mesmo com a ausência de palavras a compreendemos.

Como percebemos a linguagem visual é econômica, pois a sua grande função é criar ícones, cuja percepção se dá de forma imediata e global. Onde a informação geralmente acontece no primeiro olhar, estabelecendo assim um nível ideal de comunicação.

Mesmo que um indivíduo não tenha o conhecimento do código escrito, ele será capaz de ler uma imagem, uma figura. Temos como exemplo real deste fato os antigos moradores de sítios, que mesmo desprovidos de equipamentos avançados aprendera a fazer a previsão do tempo, os índios se comunicam muitas vezes pela dança, pela pintura em seus corpos.

Freire propõe uma concepção de leitura que se distancia dos tradicionais entendimentos do termo como sonorização do texto escrito, defendendo que a leitura começa na compreensão do contexto em que se vive: a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.” (FREIRE *apud* MARTINS, 1982, p. 10)

1.1 O conceito de leitura

Segundo Martins (1982), existem inúmeras concepções vigentes de leitura e estas podem restringir-se a duas caracterizações:

- 1) Como uma decodificação mecânica de signos lingüísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);
- 2) Como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica)” (MARTINS, 1982, p. 31).

Na primeira caracterização a concepção de leitura é vista como uma atividade mecânica, sendo o leitor condicionado a aprender o código escrito e a reproduzir mecanicamente palavras e frases. Visando fazer do leitor um individuo passivo. Se tornando um mero ato de depositar, onde os educandos os depositários e o educador o depositante, ou seja, a chamada educação bancária que tanto Freire (1996) condena.

Na segunda concepção de leitura, o leitor assume uma postura ativa, dialogando e reconstruindo sua própria leitura, deixando de ser um individuo passivo, ampliando desta forma seu olhar sobre o mundo. Como Freire (1996) afirma:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História (FREIRE, 1996, p. 60).

Assim sendo o homem desde a pré-história o homem tem a necessidade de descrever o seu mundo, isto é, expressar e registrar suas idéias. Registrar sua passagem pelo mundo. Mas mesmo quando não existia a linguagem escrita o homem já realizava atos que podiam ser considerados como leitura e que surgiram justamente da necessidade de comunicação.

Já naquela época lançavam mão do uso das imagens para registrar suas idéias, os acontecimentos, rituais, costumes, elementos do seu mundo, expressando de uma forma intensa as suas vivências. Comunicavam-se, usando

gestos e sons, começaram a registrar seus pensamentos por intermédio de símbolos, imagens pintadas em cavernas e pequenas esculturas em pedras.

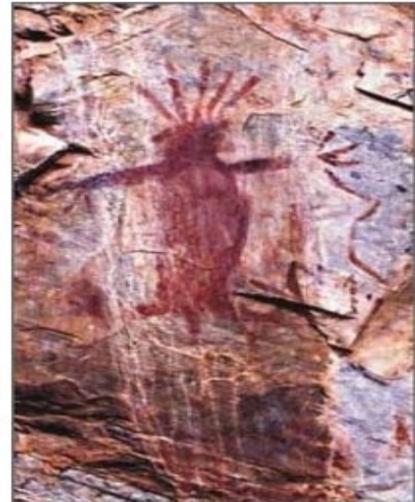
Assim sendo, a escrita não foi à única e nem a primeira forma que eles desenvolveram para esse fim. Provas deste fato foram às pinturas rupestres encontradas no Piauí, ocorrem muitos exemplares desta modalidade de expressão dos homens antigos, registradas em rochas de dois grandes parques nacionais: o **Parque Nacional de Sete Cidades** (situado entre as cidades de Piripiri e Piracuruca, no norte do Estado) e o **Parque Nacional da Serra da Capivara** (situado entre as cidades de São Raimundo Nonato, São João do Piauí e Coronel José Dias, na região sudeste do Estado).

As pinturas do Parque Nacional da Serra da Capivara são impressionantes. Percebe-se, numa análise superficial das pinturas, que os homens que habitaram aquela região num passado distante, apresentavam uma atividade comunitária bastante movimentada, registrada com óxido de ferro nos imensos paredões calcários da região. Entre os quase 400 sítios arqueológicos da região, a grande maioria retrata exatamente como viviam (hábitos, costumes, situações cotidianas, crenças, ritos, etc.) e a natureza ao seu redor (elementos da flora e, principalmente da fauna da época).

As representações rupestres dispostas nos sítios do Parque Nacional da Serra da Capivara demonstram mensagens deixadas pelo homem pré-histórico, como uma forma de registro da época que hoje são lidas e analisadas.



Pinturas Rupestres no Parque Nacional da Serra da Capivara, declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO



Fonte: Fundação Museu do Homem Americano
Disponível em: <http://www.fumdam.org.br/pinturas.asp>

Como ressaltado anteriormente, quando falamos em leitura, o que primeiro costuma vir à mente é a compreensão das palavras e o processo de alfabetização.

No entanto, citando Freire (2003) “leitura é bem mais que decodificar palavras: é ler o mundo”. É um processo complexo que envolve não apenas a palavra, mas a imagem e os aspectos mais diversos do mundo. E, neste mundo moderno, repleto de mensagens imagéticas, a leitura também envolve ler imagens. Afinal, esses elementos visuais estão carregados de informações sobre nossa cultura e o mundo em que vivemos. Portanto, têm muito a ensinar.

1.2 Níveis de leitura

Martins (1982) afirma que existem três níveis básicos de leitura: sensorial, emocional e racional. Onde estes níveis, estão ligados, inter-relacionados, mesmo que um ou outro privilegiado se destaque de acordo com as experiências do leitor.

Leitura sensorial: pode ser considerada uma leitura inicial, quando o

interesse do leitor se despertará com cores, letras, ilustrações trazidas no livro, ou também na entonação de voz (sons), quando contada uma história e até mesmo quando cantada uma música por alguém. “(...) Essa leitura sensorial começa, pois, muito cedo e nos acompanha por toda a vida.” (Martins, 1982, p. 40). Essa forma de leitura lúdica cria a fantasia, as ilusões juntamente com o mágico, o fantástico que fazem parte da imaginação das crianças. É através desta sensibilidade que o leitor começará a descobrir, de maneira inconsciente, sua preferência de leitura. Desse modo, a leitura sensorial leva à manifestação do que agrada ou desagradam ao leitor, seus gostos, ainda que sejam inconscientes e sem muita necessidade de racionalizações, justificativas.

Leitura emocional: o leitor neste nível, quando em contato com o objeto lido, é dominado pelos seus sentimentos. Ele poderá ser transportado para outros tempos, lugares, conforme seu desejo, com isso, a imaginação tomará conta desse indivíduo até o final da leitura. Isso pode ter um lado positivo e outro negativo. Quando a emoção ressalta a necessidade do ser humano de fugir da realidade em que vive e buscar experiências novas, fantasias, fazendo-o participar da leitura, o leitor vivenciará este momento de modo prazeroso. Ele certamente se sentirá melhor, mas, se a leitura for pesada, demasiadamente angustiante, dependendo do seu estado de espírito, pode até levá-lo à depressão. Neste nível a emoção é mais forte que a razão.

Segundo Martins “(...) na leitura emocional não importa perguntarmos sobre o seu aspecto, sobre o que certo texto trata em que ele consiste, mas sim o que ele faz, o que provoca em nós”. (Martins, 1982, p. 52)

Leitura racional: o leitor estabelece um diálogo entre o texto, sua história, o leitor e o contexto em que a leitura se realiza. Quando se chega neste nível, o que fala mais alto é o intelecto. Não devem ser confundidos com a leitura proposta por alguns intelectuais que acham que só se devem apreciar os grandes clássicos da literatura, preservando assim as culturas eruditas, que para muitos são

desconhecidas.

Esta leitura, juntamente com a sensorial e a emocional, fará com que o leitor tenha uma visão ampla de conhecimentos, a fim de conseguir captar a essência trazida no texto, bem como o que está nas entrelinhas, tornando-o capaz de questionar e argumentar sobre o que foi lido. Assim, em conformidade com esta autora, que diz: “(...) E ela (a leitura) não é importante por ser racional, mas por aquilo que o seu processo permite, alargando os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social”. (Martins, 1982, p. 66)

Relacionando essa teorização à escola, o que se nota em relação a esta instituição é que sua verdadeira função hoje seria a de possibilitar aos alunos a continuidade da leitura de mundo que eles já possuem. A criança entra na escola, trazendo consigo um universo individual, o qual deveria ser motivado, estimulado, enfim, aproveitado pelo professor para, a partir daí, introduzir a leitura da palavra escrita. Assim, o professor conseguiria despertar o interesse do aluno pela leitura. Ao contrário disso, a instituição parece privilegiar um tipo de leitura mecânica, onde se desconsidera a história do indivíduo enquanto um sujeito leitor.

Assim como Martins (1982), acredito ser de suma importância desenvolver a cultura de leitura, para formarmos educandos formadores de opiniões no ambiente em que vivemos. E juntamente com a leitura escrita, vislumbramos a cultura visual, a aprendizagem do educar o olhar, pois podemos ganhar com estas também novas formas de interpretar o que nos acontece no dia a dia e não percebemos nos possibilitando maturidade e possibilidades de novas reflexões.

Desta forma nós arte/educadores poderemos nortear os trabalhos pedagógicos com os alunos de forma coerente e satisfatória garantindo assim um, trabalho produtivo e prazeroso.

Nossos olhos estão a todo o momento recebendo informações por meio de imagens. Podemos afirmar que nossa cultura visual é vasta e rica, mas muitas

vezes estamos submetidos a um mundo de imagens que muitas vezes não entendemos.

Segundo afirma Dondis (1997), praticamente desde nossa primeira experiência no mundo, passamos a organizar nossas necessidades e nossos prazeres, nossas preferências e nossos temores, com base naquilo que vemos.

A grande quantidade de imagens que vemos no dia-a-dia, expostas de forma caótica e muitas vezes fora de contexto, está voltada quase sempre para gerar consumo. São apelativas e desencadeiam tantos estímulos que muitas vezes nos tornamos alienados diante delas.

Por isso, podemos dizer que vemos e não vemos, olhamos e não olhamos. O tema ver-olhar – antigo como a filosofia e a arte – torna-se cada vez mais fundamental no mundo das artes e estas o território por excelência de seu exercício. Mas se as artes nos ensinam a ver – olhar, é porque nos possibilitam camuflagens e ocultamentos. Só podemos ver quando aprendemos que algo não está à mostra e podemos sabê-lo. Portanto, para ver olhar, é preciso pensar (TIBURI, s/d).

Em virtude do crescente interesse pelo visual, muitos historiadoras/es, antropólogas/os, sociólogas/os, educadoras/es resolveram discutir sobre as imagens e sobre a necessidade de uma alfabetização visual, que se expressa em diferentes designações, como leitura de imagens e cultura visual (SARDELICH, 2006).

A importância da inserção da Leitura de Imagem na escola tem sido amplamente discutida por diversos teóricos que apresentam estratégias metodológicas para esse fim.

O tema leitura de imagens tem chamado à atenção dos professores de arte, desde que as novas abordagens trouxeram a imagem da arte para a sala de aula, depois de muitas décadas da hegemonia da livre-expressão. Mas nem sempre esse assunto tem sido discutido de maneira a considerar o sujeito da leitura: o aluno. E é justamente esta proposta que se deseja, levar em consideração, as

condições de construção de conhecimento do aluno no domínio da leitura estética. Afinal não há leitura de imagem que não seja influenciada pela experiência de vida do leitor (FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO, s.d).

Exercer a cidadania em nossos tempos é desenvolver um olhar mais apurado que perceba os sentidos implícitos nos textos. Para que a palavra e a imagem possam comunicar significativamente, é preciso que se realize um trabalho sobre elas. O trabalho de leitura e de mediação que a palavra e a imagem requerem, no mundo atual, torna-se imperativo em uma perspectiva de conhecimento, de humanização e de inserção social dos indivíduos.

Buoro (2002) ressalta a importância do conhecimento sobre a história da arte e o exercício constante da leitura da imagem para quem trabalha com o ensino da arte. Como encaminhamento para a apropriação do conhecimento, a pesquisadora propõe um percurso em seis momentos, ou seja, no primeiro sugere olhar atentamente a imagem e descrever tudo o que nela está presente. No segundo, perceber a imagem como um texto visual e destacar toda sua estrutura compositiva (elementos formais). No terceiro, observar imagens de produção anterior e posterior produzidas pelo mesmo artista para estabelecer relações. No quarto, realizar pesquisas para entender em que contexto sociocultural foi produzido a imagem. No quinto, colocar a imagem em diálogo com a produção artística do período em que ela foi produzida e período anterior, bem como posterior, a fim de estabelecer relações. E, no sexto momento, construir um texto verbal com o objetivo de registrar a leitura realizada do texto visual.

Buoro (2002) propõe que o ensino da história da arte a partir da leitura da imagem, ou seja, que a imagem deve ser apresentada aos alunos e explorada antes mesmo de se falar sobre o movimento artístico ao qual ela pertence e a biografia do artista, porque a imagem como signo está carregado de significação, por isso não deve servir apenas como ilustradora de um contexto.

Devido ao crescente número de informações visuais que recebemos cotidianamente, destacamos a importância do aprendizado dessa educação visual, onde o aluno aprenderá deste cedo à importância da sensibilização do olhar, ou seja, aprenderá que ler imagens e interpretá-las. Compreendendo quais as informações que elas nos trazem e o que nos dizem.

A criança, antes mesmo de ser alfabetizada já faz Leitura de Imagem, reconhece diversos produtos através da linguagem visual. Isso mostra o quanto é

importante trabalhar com a leitura de imagens, desde a Educação Infantil à Universidade, principalmente porque vivemos num mundo cercado por imagens.



Helen Allingham (Inglaterra, 1848 – 1926)

Menina lendo, s/d

Uma atividade de leitura de imagem em um processo educacional não deve se ater a aplicação dos modelos prontos. Ao contrário, devemos analisá-los para entender o princípio articulatório da proposta metodológica e buscarmos a fundamentação de cada uma. Penso que devemos escolher e criar os caminhos (metodológicos) levando em consideração a pertinência em relação a cada obra ou conjunto de obras, a partir das dimensões intervalares que elas nos propiciam, visando ampliar neste diálogo (íntimo/intersticial entre autor/obra/professor-mediador/aluno-fruidor) a construção viva e significativa de conhecimento em arte

e pela arte (RIZZI, s.d.).

Por isso, enquanto arte-educadores devemos defender a educação do olhar, a importância da arte na construção e reconstrução do conhecimento. As imagens não cumprem apenas a função de informar ou ilustrar, mas também de educar e produzir conhecimento.

CAPITULO II

2 LEITURA DE IMAGENS

Ler nas aulas de Artes Visuais consiste na observação e crítica de obras de arte, de objetos culturais ou de trabalhos realizados em classe, na leitura de imagens de diferentes gêneros como pinturas, fotografias, desenhos, charges, etc.,

Ao olhar uma obra de arte, assistir a um filme, observar uma pintura ou escultura, uma série de pensamentos podem ser criados pela mente, que a cada vez em que a atividade é repetida, podem ser diferentes.

2.1 A leitura de imagens na educação

Quando somos inseridos no mundo escolar nos tornamos alfabetizados somente com números e palavras e, no entanto falta-nos algo mais para entendermos o mundo que está à nossa volta. Mundo esse que não é mais feito somente por estes dois códigos.

O homem sempre manipulou formas, cores, sons, movimentos, texturas, entre outros, e buscou algo mais do que simplesmente suprir as suas

necessidades de sobrevivência. Ele sempre teve a intenção de se comunicar com os outros, utilizando diferentes linguagens. Esta maneira de pensar não é neutra, está dentro de uma cultura, de uma ideologia e supera o comum, transcende o real. É o criar que autentica o ser, altera o seu cotidiano.

As imagens possuem um forte apelo, impõem sua presença, é algo que contagia que nos chama a atenção. Assim, utilizamos constantemente a linguagem não verbal.

Estamos cercados por todos os lados por imagens, utilizadas em programas, propagandas, que nos seduzem e nos faz acreditar que são melhores para nós. Ditam a moda, as marcas, o modismo, comportamentos, o que devemos comer, beber ou consumir.

Na escola, o aluno está em constante contato com as imagens visuais, principalmente no livro didático, que constitui, na maioria das vezes, a única fonte de leitura do aluno.

Diante deste mundo, repleto por imagens pictóricas, a leitura também envolve ler imagens. Freire (1982) salienta que leitura é bem mais que decodificar palavras: é ler o mundo. Portanto, precisamente aprender a ler imagens. Pois assim como se aprende a ler, deve-se aprender a ver, sendo necessário entender, interpretar e operar com os códigos visuais.

2.2 A leitura de obra de arte

Muitos perguntam: é possível ler uma obra de arte? Sim! Como? Do mesmo jeito que aprendemos a ler, decodificar a linguagem verbal, ou seja, as letras, as palavras, frases, etc., precisamos aprender a ler uma obra de arte.

Se ler é atribuir significados a algum texto, no caso de obras artísticas, estamos falando de textos visuais, que são lidos a partir do momento que começamos a estabelecer relações entre as situações que nos são impostas pela

nossa realidade e de nossa atuação frente a estas questões, na tentativa de compreendê-las e resolvê-las. A leitura se torna real quando estabelecemos essas relações.

Robert Willian Ott, professor da Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos, desenvolveu a metodologia Olhando imagens (*Image Watching*) para estruturar a relação do apreciador com a obra de arte. Sua metodologia foi configurando-se em função dos desafios que enfrentava como professor responsável pela prática de ensino e estágio supervisionado no departamento de arte e educação de sua universidade com uma audiência heterogênea em relação ao conhecimento, vivências artísticas e museísticas (SARDELICH, 2006).

A proposta de leitura de Robert Ott constitui-se num sistema dinâmico, integrado e articulado de seis momentos ou categorias. O sistema é um ensino de arte desenvolvido para museus, porém não é rígido, podendo ser adaptados para a sala de aula.

Para Robert Ott quando os alunos têm contato com as obras originais são desafiados à observação; adquirem mais conhecimento que serão úteis na hora da produção e os que estão acostumados a observar arte em museus e galerias estão mais propensos à pesquisa artística que exerce um papel essencial em arte-educação.

A metodologia Olhando imagens (*Image Watching*) vem fornecer conceitos para a crítica voltada à produção artística relacionando o modo crítico e o criativo de aprender em arte-educação. Apresenta o seguinte roteiro para treinar o olhar sobre obras de arte, podendo ser adaptado a atividades ligadas à cultura visual. O diferencial é fazer sempre a relação com a realidade do aluno. Segundo Robert Ott de início deve-se fazer um aquecimento ou sensibilização do olhar, apreciar a obra de arte. Aproveitando o que a imagem pode oferecer. Os olhos precisam

percorrer o objeto de estudo com atenção. Dando um tempo para a obra se "hospedar" no cérebro. Após estabelece cinco categorias seqüências:

- Descrevendo é o momento em que a percepção é priorizada e a enumeração do que está sendo visto é efetuada. Descrevendo o que vêem.
- Analisando enfoca e desenvolve os aspectos conceituais da leitura da obra de arte. É hora de perceber os detalhes. Objetivando estimular o aluno a prestar atenção na linguagem visual, com seus elementos, texturas, dimensões, materiais, suportes e técnicas.
- Interpretando é o momento das respostas pessoais à obra de arte, objeto da apreciação, onde os alunos expressam suas próprias interpretações, sensações, emoções e idéias a partir do contato com a materialidade da obra, seu vocabulário, gramática e sintaxe.
- Fundamentando é o momento de trazer o conhecimento adicional disponível no campo da História da Arte. A intenção é de ampliação do conhecimento para conhecer mais sobre a vida do artista, sua carreira artística, seu processo de produção ou analisar recortes com reportagem sobre o artista ou a obra analisada, catálogos de exposição, enfim materiais que possa ampliar o conhecimento, textos de diversas áreas do conhecimento para pesquisa, bibliografia, sites para consulta, selecionando os textos de acordo com os interesses e o nível de conhecimento da classe.
- Revelando é o momento de culminância do processo de ensino da arte através da crítica de arte. Neste momento, o aluno tem a oportunidade de revelar, através do Fazer Artístico, o processo de construção de conhecimento por ele vivenciado. Com tantas novidades e aprendizados, a turma certamente estará estimulada a produzir. É hora criar, desenhar, escrever, fazer esculturas, colagens, etc.



Essa proposta de Robert Ott é seqüencial, mas responde as propostas contemporâneas do ensino de arte, e o ensino da arte contemporânea, com sua diversidade, coloca os professores de Arte diante de questões que os leva a refletir e rever seus conceitos sobre a arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o estudo que a pesquisa bibliográfica possibilitou, concluo que como se aprende a ler, também se aprende a ver, dando sentido ao que se olha, ao que se vê. Ou seja, aprende-se a entender, interpretar e operar com os códigos visuais. A leitura, como já foi ressaltado, é um processo complexo que envolve não apenas a palavra, mas a imagem e os aspectos mais diversos do mundo. Como Freire (1982) aponta: leitura é bem mais que decodificar palavras: é ler o mundo. E diante de um mundo repleto de mensagens pictóricas, a leitura envolve ler imagens. Aprender a ler e produzir imagens é uma necessidade de compreensão do mundo, de suas modificações e também do fazer artístico. Além de ser um desafio enriquecedor, onde se aprende a não somente valorizar o fazer artístico, mas a compreender o olhar que vai além dos olhos, atribuindo sentido, significado as imagens que esta lendo.

Este ato de observar, ler imagens proporciona infinitas leituras e interpretações que variam de acordo com a compreensão de cada leitor, das experiências que cada um já viveu, da imaginação, das recordações passadas, ou seja, depende da bagagem de vida de cada um. Neste sentido, a imagem passa a ser vista como importante elemento de informação e quando assim explorada abre espaço para o estudo de seu potencial pedagógico, ou seja, podendo ser utilizada no processo de comunicação, além de contribuir para formação do próprio educando para conviver com esse “bombardeio de imagens” cotidianas. Equivocadamente há quem acredite que não necessitamos de conhecimento formal para realizarmos uma leitura de imagem, mas sem esse conhecimento a leitura torna-se superficial. Desta forma a leitura de imagem dentro do contexto escolar pode contribuir para ampliar o repertório imagético e o conhecimento em

arte. Pois a imagem também é uma forma de conhecer e representar o mundo, e como as palavras produzir idéias.

Portanto, a proposta adotada para realização da leitura de imagem no projeto de Curso foi a Metodologia de Robert Ott Olhando Imagens (Image Watching). Sua metodologia mostra de forma bem simples como é possível dialogar com a obra de arte. Para ele, quando os alunos têm contato com as obras originais são desafiados à observação, adquirindo mais conhecimento que serão úteis na hora da produção. Mesmo sendo um sistema de ensino de arte desenvolvido para museus, apresenta a flexibilidade, podendo ser adaptado para a sala de aula, tornando a leitura de imagem mais significativa. Dentro deste contexto, esta complementada o estudo da Leitura de Imagens no contexto escolar. A partir do momento em que o aluno observa uma imagem ele estará descobrindo as características, as técnicas e pode até deduzir os motivos que levaram aquele artista a tal criação, é o público que valoriza e atribui significados as obras, habilitar uma criança a tal conhecimento faz com que a arte nunca perca seus apreciadores. Oportunizando aos alunos a possibilidade de externar seus pensamentos, suas interpretações e inquietações, levando-os a um olhar mais atento. Assim sendo a leitura imagem traz uma importante contribuição no processo de desenvolvimento para uma leitura crítica do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC / SEF. 1997. p. 130.

BUORO, Anamélia Bueno. **Olhos que pintam**: a leitura da imagem e o ensino da arte. Disponível em: <http://boks.google.com.br/books?id=6PsEP21-YQoC&printsec=frontcover&dq=olhos+que+pintam&hl=pt-BR&ei=oD43TZarKMK88gbGo_33Aw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCkQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false> Acesso em 20 jan. 2011.

CADERNO PEDAGÓGICO. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1530-6.pdf>> Acesso em: 04 mar. 2011.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/7772959/Sintaxe-Da-Linguagem-Visual-Donis-A-Dondis-72dpi>> Acesso em: 03 jan. 2011.

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, São Paulo, v 15, nº. 42, 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>> Acesso em 15 01 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FUNDAÇÃO MUSEU DO HOMEM AMERICANO. **Pinturas rupestres**. s.d. Disponível em
<<http://www.fumdham.org.br/pinturas.asp>> Acesso em 07 out. 2009.

FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO. Guia do Professor. s.d. Disponível em:
<http://www.iberecamargo.org.br/content/escola/guia.asp> Acesso em 25 set. 2009.

MARTINS, Maria Helena . **O que é Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RIZZI, Christina. Contemporaneidade (mas não onipotência) do Sistema de Leitura de Obra de Arte Image Watching. **Boletim Arte na Escola**. S.d. Disponível em:
<http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=15> Acesso em 25 set. 2009.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Caderno de Pesquisa**. Vol.36 nº 128. São Paulo Maio/Agosto 2006. Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602006000100013&script=sci_arttext&tlng=es> Acesso em 02 out. 2009.

TIBURI, Márcia. **Aprender a pensar é descobrir o olhar**. Disponível em
<http://www.artenaescola.org.br/pesquise_artigos_texto.php?id_m=26%3e>
Acesso em 02 out. 2009.



UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Vanderléia Moreira Barrozo

LEITURA DE IMAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

ANDRADINA

2011



UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Vanderléia Moreira Barrozo

LEITURA DE IMAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Humanas – UNIMES, como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais, sob a orientação da Prof^a Maria Emilia Sardelich.

ANDRADINA

2011

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar estratégias de Leitura de Imagem no ensino fundamental. *A metodologia utilizada na realização deste trabalho de Curso foi à pesquisa bibliográfica.* Este tema tem sido amplamente discutido por diversos teóricos que apresentam estratégias metodológicas para esse fim. Nossos alunos já desfrutam de experiência visual antes mesmo de entrar na escola e mesmo por desfrutarem destas experiências visuais, isso não é garantia de estarem compreendendo o que estão lendo ou que já tenham uma habilidade crítico-reflexivo bem desenvolvida. *A escolha deste tema deve-se ao fato de que nos dias atuais, o significado da palavra “texto” vai mais além do que uso da linguagem escrita.* Por isso, nós arte-educadores devemos oportunizar ao aluno os caminhos para leitura de imagens seja daquelas produzidas pela publicidade ou pela arte, levando-os ao domínio dos códigos visuais através da sensibilização, da



familiarização e do contato freqüente com as imagens. Induzindo-os a perceber que ler é uma atividade que traz conhecimento e que esse conhecimento pode ser de uma forma prazerosa e divertida.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de arte, leitura de imagem, estratégias de leitura de imagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....

.5

CAPÍTULO I

1.	LEITURA	E
LEITURAS.....		8
1.1	O conceito	de
leitura.....		14
1.2	Níveis	de
leitura.....		16
CAPITULO II		
2	LEITURA	DE
IMAGENS.....		22
2.1	A leitura de imagens	na
educação.....		23
2.2	A leitura de obra	de
arte.....		25
CONSIDERAÇÕES		
FINAIS.....		41
REFERÊNCIAS		
BIBLIOGRÁFICAS.....		43

INTRODUÇÃO

O mundo vive a civilização da imagem como um dos fenômenos culturais mais importantes e apaixonantes do homem civilizado. Atualmente estamos vivendo intensamente a era visual, na qual cada vez mais percebemos o mundo por meio de imagens. No entanto, essa realidade não é nova, porque desde os primórdios da pré-história o homem procura formas de se comunicar e a escrita não foi a única e nem a primeira forma que eles desenvolveram para esse fim. Prova deste fato são as pinturas rupestres encontradas nas cavernas da Serra da Capivara, no Brasil. Mesmo naquela época já lançavam mão do uso das imagens para registrar suas idéias e os acontecimentos marcantes da comunidade.

Experimente contar quantas imagens vemos diariamente. Impossível! Se fossemos parar e pensar em quantas imagens vemos diariamente, não daríamos conta. Afinal, somos “bombardeados” com infinitas imagens, que muitas vezes passam despercebidas e que aparentemente parecem não ter sentido: imagens fixas ou em movimento; imagens virtuais do computador, do cinema, do vídeo, da televisão; imagens da arte: fotografias, pinturas, desenhos, esculturas, espetáculos cênicos; imagens didáticas; tabelas, gráficos, mapas, ilustrações; imagens publicitárias; a paisagem natural e construída pelo homem.

Na sociedade atual o texto não é o único a transmitir mensagens, as imagens refletem inúmeras idéias e conceitos. Quando as palavras não são suficientes aderimos a imagens, aliás, os significados das imagens podem variar de acordo com o repertório de quem faz a leitura.

Pensar nas imagens como meras ilustrações seria um engano grotesco, pois tais elementos visuais estão carregados de informações sobre nossa cultura e o mundo em que vivemos. As imagens estão carregadas de intenções e também podem se propor a ensinar.

Quando falamos em leitura muitos ainda associam a livros, revistas, jornais, etc., enfim, textos e palavras. Quando pensamos em texto, não pensamos em um amontoado de palavras, nem uma grande frase. Pensamos num texto estruturado, com significado. Assim como o texto, a imagem também tem sua estrutura, os elementos que a compõe como a linha, a cor, a luz e os princípios que a fundamentam destacando o movimento, o equilíbrio, a unidade, o ritmo, a harmonia. Dessa maneira assim como o texto a imagem também pode ser lida.

Consideramos que a leitura de imagens pode ser iniciada já no Ensino Fundamental, levar o aluno a perceber esta forma de representação. Despertando o gosto no educador e no educando em trabalhar com a leitura de imagem, sendo não mais um recurso para se alcançar à aprendizagem, mas direcionar o olhar para que aprendamos um pouco mais que informações que as imagens nos trazem, nos apresentam o que elas querem nos dizer. Facilitaria a nossa compreensão dos valores das artes visuais e dos seus modos de fazer; promoverá a avaliação crítica e a apreciação estética e desenvolvendo a imaginação.

A escolha do tema deve-se ao fato de nos dias atuais, o significado da palavra “texto” vai mais além do que uso da linguagem escrita. Sendo assim, acreditamos que as praticas pedagógicas não devem ser pensadas apenas em função do código lingüístico.

Desta forma nós arte/educadores poderemos nortear os trabalhos pedagógicos com os alunos de forma coerente e satisfatória garantindo assim um, trabalho produtivo e prazeroso.

Após observar as metodologias de Anamélia Bueno Buoro, Robert Willian Ott e a proposta de projeto de Fernando Hernández, referente a questão de leitura de imagem, onde relatam que a imagem é passível de leitura, de interpretação e compreensão, acredito que todas são validas, porém a que prendeu meu olhar foi a de Robert Ott, Observando Imagens (Image Watching).

A metodologia Observando Imagens mostra-se adequada, apresentando etapas bem definidas e articuladas. E apesar de ter seqüências pré-estabelecidas pode ser adaptada e fazer relação com a realidade do aluno. Porque dentro de um grupo de estudo, além dos textos expostos para leitura e discussão cada participante traz sua experiência vivida para sala de aula.

A metodologia de Robert Ott expõe de uma forma bem simples como podemos dialogar com a obra de arte.

Robert Ott propõe um caminho, mas cabe ao educador incrementar suas aulas com seus conhecimentos e prática vivenciada na arte e as necessidades de sua sala de aula.

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivos conceituar leitura e leitura de imagens, apresentar estratégias de leitura de imagens sistematizadas por diferentes autores, diferenciar as características das estratégias de leitura de imagens apresentadas, identificar a estratégia de leitura de imagem adequada para o nível de ensino fundamental.

A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica. A estrutura do trabalho monográfico ficou dividida em três partes: Capítulo I, onde apresenta leituras e leituras; o conceito de leitura; os níveis de leitura; Capítulo II que destaca a leitura de imagens, a leitura de imagens na educação e a leitura de obra de arte e, finalmente ,as considerações finais do trabalho.



CAPÍTULO I

1. LEITURA E LEITURAS

Quando falamos em leitura, a primeira coisa que nos vem em mente é o ato de decodificação da linguagem escrita. Onde associamos a esta questão alguém lendo um jornal, uma revista, um livro, uma carta. Restringindo esse conceito de leitura apenas a decifração da escrita. Ou seja, costumamos usar a palavra leitura significando leitura de texto.

Nas figuras abaixo podemos constatar essa representação.



Pierre-Auguste Renoir (1841-1919)

As duas irmãs (Les Deux Soeurs), 1889

Óleo sobre tela



José Ferraz de Almeida Júnior (Brasil 1850-1899)
Família reunida em casa do interior, s/d
Óleo sobre tela



Anton Ebert (Alemanha 1845-1896)

Histórias na hora de dormir, 1883
Óleo sobre tela.



Eugênio Zampighi (Itália 1859-1944)
Lendo as notícias, s/d
Óleo sobre tela



Anita Malfatti (Brasil 1889-1964)

Menina lendo, 1930

Óleo sobre cartão, Coleção Particular



Aldo Bonadei (Brasil, 1906-1974)

A leitura, 1950
Óleo sobre tela

A escolha das imagens para observação levou-se em conta o núcleo familiar associado à leitura, pois a mesma é o primeiro espaço de socialização. Nela acontecem às primeiras experiências que irão marcar o sujeito por toda vida. E o hábito da leitura é uma delas.

Freire (2001) afirma que a leitura de mundo precede a leitura da palavra haja vista que toda leitura é influenciada pela experiência de vida do leitor. Desta forma quanto maior for o “conhecimento de mundo” maior a apreensão de novos conhecimentos.

Muitos pais crêem ser necessário que se façam mais leituras para a melhor compreensão do mundo e da sociedade em que seus filhos estão inseridos, mas muitos não incentivam os filhos a lerem mais ao invés de passarem muitas horas em frente à televisão.

A televisão pode ser considerada como uma fábrica que determina “padrões de comportamento”, onde as imagens são as mais variadas. Mostram-nos tendências, modismos, costumes, modelos, conversas e interesses. Tornando-se desta forma um dos meios audiovisuais com mais propósitos de manipulação, de propaganda e de alienação.

Enquanto as experiências de telespectador muitas vezes nos restringem, as experiências como leitores nos permitem um conhecimento mais profundo e variado da cultura humana, registrada através dos séculos nas obras escritas.

A leitura tem o poder de oferecer possibilidades de vínculos das próprias idéias, julgamentos, recordações e ainda um entendimento autônomo do texto, uma vez que a televisão oferece algo já pronto, definido, estabelecido, treinando as crianças para se identificarem com o que assistem.

Ler nos permite abri-se para novos horizontes, experimentar alternativas de existência, nos permitindo uma maior possibilidade de participação social e de melhoria de sua condição de ser humano e uma visão de mundo maior.

Como visto o saber ler é imprescindível na vida do cidadão e da sociedade como um todo. Mas não existe um único objeto de leitura, podemos também usar a palavra leitura em um sentido menos comum, significando leitura visual. Essa é uma outra maneira de ler o mundo, não decifrando letras, mas decifrando

imagens. Imagens que preenchem nossos olhos do momento em que acordamos até à hora de dormir.

A ampliação desta noção de leitura pressupõe transformar esta visão a qual estamos presos, que o conceito de leitura está ligado apenas à produção de leitura, a trabalhos letrados, “(...) aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados” (MARTINS, 1982, p. 34).

A partir dessas palavras é possível começarmos a ampliar a visão tradicionalista para uma mais ampla sobre a noção de leitura.

Isso quer dizer que não lemos somente as palavras, como constatamos a seguir:



Observando os ícones anteriores, conseguimos entender o que querem nos comunicar. Existem placas com apelo visual e outras de apelo verbal. As que apresentam linguagem verbal podem ser consideradas mais eficientes por serem mais diretas. Pois dizem exatamente o que querem informar, porém é preciso saber ler e entender o idioma em que foi escrito. Já as placas que apresentam linguagem não verbal permitem que seja feita uma interpretação, independente de saber ler ou de entender o idioma. Mesmo com a ausência de palavras a compreendemos.

Como percebemos a linguagem visual é econômica, pois a sua grande função é criar ícones, cuja percepção se dá de forma imediata e global. Onde a informação geralmente acontece no primeiro olhar, estabelecendo assim um nível ideal de comunicação.

Mesmo que um indivíduo não tenha o conhecimento do código escrito, ele será capaz de ler uma imagem, uma figura. Temos como exemplo real deste fato os antigos moradores de sítios, que mesmo desprovidos de equipamentos avançados aprendera a fazer a previsão do tempo, os índios se comunicam muitas vezes pela dança, pela pintura em seus corpos.

Freire propõe uma concepção de leitura que se distancia dos tradicionais entendimentos do termo como sonorização do texto escrito, defendendo que a leitura começa na compreensão do contexto em que se vive: a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.” (FREIRE *apud* MARTINS, 1982, p. 10)

1.1 O conceito de leitura

Segundo Martins (1982), existem inúmeras concepções vigentes de leitura e estas podem restringir-se a duas caracterizações:

- 1) Como uma decodificação mecânica de signos lingüísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);
- 2) Como um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica)” (MARTINS, 1982, p. 31).

Na primeira caracterização a concepção de leitura é vista como uma atividade mecânica, sendo o leitor condicionado a aprender o código escrito e a reproduzir mecanicamente palavras e frases. Visando fazer do leitor um individuo passivo. Se tornando um mero ato de depositar, onde os educandos os depositários e o educador o depositante, ou seja, a chamada educação bancária que tanto Freire (1996) condena.

Na segunda concepção de leitura, o leitor assume uma postura ativa, dialogando e reconstruindo sua própria leitura, deixando de ser um individuo passivo, ampliando desta forma seu olhar sobre o mundo. Como Freire (1996) afirma:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História (FREIRE, 1996, p. 60).

Assim sendo o homem desde a pré-história o homem tem a necessidade de descrever o seu mundo, isto é, expressar e registrar suas idéias. Registrar sua passagem pelo mundo. Mas mesmo quando não existia a linguagem escrita o homem já realizava atos que podiam ser considerados como leitura e que surgiram justamente da necessidade de comunicação.

Já naquela época lançavam mão do uso das imagens para registrar suas idéias, os acontecimentos, rituais, costumes, elementos do seu mundo, expressando de uma forma intensa as suas vivências. Comunicavam-se, usando

gestos e sons, começaram a registrar seus pensamentos por intermédio de símbolos, imagens pintadas em cavernas e pequenas esculturas em pedras.

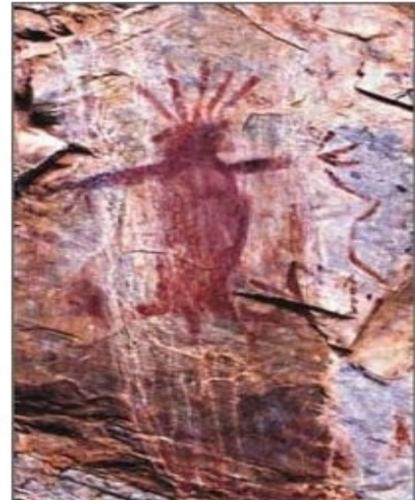
Assim sendo, a escrita não foi à única e nem a primeira forma que eles desenvolveram para esse fim. Provas deste fato foram às pinturas rupestres encontradas no Piauí, ocorrem muitos exemplares desta modalidade de expressão dos homens antigos, registradas em rochas de dois grandes parques nacionais: o **Parque Nacional de Sete Cidades** (situado entre as cidades de Piri-piri e Piracuruca, no norte do Estado) e o **Parque Nacional da Serra da Capivara** (situado entre as cidades de São Raimundo Nonato, São João do Piauí e Coronel José Dias, na região sudeste do Estado).

As pinturas do Parque Nacional da Serra da Capivara são impressionantes. Percebe-se, numa análise superficial das pinturas, que os homens que habitaram aquela região num passado distante, apresentavam uma atividade comunitária bastante movimentada, registrada com óxido de ferro nos imensos paredões calcários da região. Entre os quase 400 sítios arqueológicos da região, a grande maioria retrata exatamente como viviam (hábitos, costumes, situações cotidianas, crenças, ritos, etc.) e a natureza ao seu redor (elementos da flora e, principalmente da fauna da época).

As representações rupestres dispostas nos sítios do Parque Nacional da Serra da Capivara demonstram mensagens deixadas pelo homem pré-histórico, como uma forma de registro da época que hoje são lidas e analisadas.



Pinturas Rupestres no Parque Nacional da Serra da Capivara, declarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO



Fonte: Fundação Museu do Homem Americano
Disponível em: <http://www.fumdam.org.br/pinturas.asp>

Como ressaltado anteriormente, quando falamos em leitura, o que primeiro costuma vir à mente é a compreensão das palavras e o processo de alfabetização.

No entanto, citando Freire (2003) “leitura é bem mais que decodificar palavras: é ler o mundo”. É um processo complexo que envolve não apenas a palavra, mas a imagem e os aspectos mais diversos do mundo. E, neste mundo moderno, repleto de mensagens imagéticas, a leitura também envolve ler imagens. Afinal, esses elementos visuais estão carregados de informações sobre nossa cultura e o mundo em que vivemos. Portanto, têm muito a ensinar.

1.2 Níveis de leitura

Martins (1982) afirma que existem três níveis básicos de leitura: sensorial, emocional e racional. Onde estes níveis, estão ligados, inter-relacionados, mesmo que um ou outro privilegiado se destaque de acordo com as experiências do leitor.

Leitura sensorial: pode ser considerada uma leitura inicial, quando o

interesse do leitor se despertará com cores, letras, ilustrações trazidas no livro, ou também na entonação de voz (sons), quando contada uma história e até mesmo quando cantada uma música por alguém. “(...) Essa leitura sensorial começa, pois, muito cedo e nos acompanha por toda a vida.” (Martins, 1982, p. 40). Essa forma de leitura lúdica cria a fantasia, as ilusões juntamente com o mágico, o fantástico que fazem parte da imaginação das crianças. É através desta sensibilidade que o leitor começará a descobrir, de maneira inconsciente, sua preferência de leitura. Desse modo, a leitura sensorial leva à manifestação do que agrada ou desagradam ao leitor, seus gostos, ainda que sejam inconscientes e sem muita necessidade de racionalizações, justificativas.

Leitura emocional: o leitor neste nível, quando em contato com o objeto lido, é dominado pelos seus sentimentos. Ele poderá ser transportado para outros tempos, lugares, conforme seu desejo, com isso, a imaginação tomará conta desse indivíduo até o final da leitura. Isso pode ter um lado positivo e outro negativo. Quando a emoção ressalta a necessidade do ser humano de fugir da realidade em que vive e buscar experiências novas, fantasias, fazendo-o participar da leitura, o leitor vivenciará este momento de modo prazeroso. Ele certamente se sentirá melhor, mas, se a leitura for pesada, demasiadamente angustiante, dependendo do seu estado de espírito, pode até levá-lo à depressão. Neste nível a emoção é mais forte que a razão.

Segundo Martins “(...) na leitura emocional não importa perguntarmos sobre o seu aspecto, sobre o que certo texto trata em que ele consiste, mas sim o que ele faz, o que provoca em nós”. (Martins, 1982, p. 52)

Leitura racional: o leitor estabelece um diálogo entre o texto, sua história, o leitor e o contexto em que a leitura se realiza. Quando se chega neste nível, o que fala mais alto é o intelecto. Não devem ser confundidos com a leitura proposta por alguns intelectuais que acham que só se devem apreciar os grandes clássicos da literatura, preservando assim as culturas eruditas, que para muitos são

desconhecidas.

Esta leitura, juntamente com a sensorial e a emocional, fará com que o leitor tenha uma visão ampla de conhecimentos, a fim de conseguir captar a essência trazida no texto, bem como o que está nas entrelinhas, tornando-o capaz de questionar e argumentar sobre o que foi lido. Assim, em conformidade com esta autora, que diz: “(...) E ela (a leitura) não é importante por ser racional, mas por aquilo que o seu processo permite, alargando os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social”. (Martins, 1982, p. 66)

Relacionando essa teorização à escola, o que se nota em relação a esta instituição é que sua verdadeira função hoje seria a de possibilitar aos alunos a continuidade da leitura de mundo que eles já possuem. A criança entra na escola, trazendo consigo um universo individual, o qual deveria ser motivado, estimulado, enfim, aproveitado pelo professor para, a partir daí, introduzir a leitura da palavra escrita. Assim, o professor conseguiria despertar o interesse do aluno pela leitura. Ao contrário disso, a instituição parece privilegiar um tipo de leitura mecânica, onde se desconsidera a história do indivíduo enquanto um sujeito leitor.

Assim como Martins (1982), acredito ser de suma importância desenvolver a cultura de leitura, para formarmos educandos formadores de opiniões no ambiente em que vivemos. E juntamente com a leitura escrita, vislumbramos a cultura visual, a aprendizagem do educar o olhar, pois podemos ganhar com estas também novas formas de interpretar o que nos acontece no dia a dia e não percebemos nos possibilitando maturidade e possibilidades de novas reflexões.

Desta forma nós arte/educadores poderemos nortear os trabalhos pedagógicos com os alunos de forma coerente e satisfatória garantindo assim um, trabalho produtivo e prazeroso.

Nossos olhos estão a todo o momento recebendo informações por meio de imagens. Podemos afirmar que nossa cultura visual é vasta e rica, mas muitas

vezes estamos submetidos a um mundo de imagens que muitas vezes não entendemos.

Segundo afirma Dondis (1997), praticamente desde nossa primeira experiência no mundo, passamos a organizar nossas necessidades e nossos prazeres, nossas preferências e nossos temores, com base naquilo que vemos.

A grande quantidade de imagens que vemos no dia-a-dia, expostas de forma caótica e muitas vezes fora de contexto, está voltada quase sempre para gerar consumo. São apelativas e desencadeiam tantos estímulos que muitas vezes nos tornamos alienados diante delas.

Por isso, podemos dizer que vemos e não vemos, olhamos e não olhamos. O tema ver-olhar – antigo como a filosofia e a arte – torna-se cada vez mais fundamental no mundo das artes e estas o território por excelência de seu exercício. Mas se as artes nos ensinam a ver – olhar, é porque nos possibilitam camuflagens e ocultamentos. Só podemos ver quando aprendemos que algo não está à mostra e podemos sabê-lo. Portanto, para ver olhar, é preciso pensar (TIBURI, s/d).

Em virtude do crescente interesse pelo visual, muitos historiadoras/es, antropólogas/os, sociólogas/os, educadoras/es resolveram discutir sobre as imagens e sobre a necessidade de uma alfabetização visual, que se expressa em diferentes designações, como leitura de imagens e cultura visual (SARDELICH, 2006).

A importância da inserção da Leitura de Imagem na escola tem sido amplamente discutida por diversos teóricos que apresentam estratégias metodológicas para esse fim.

O tema leitura de imagens tem chamado à atenção dos professores de arte, desde que as novas abordagens trouxeram a imagem da arte para a sala de aula, depois de muitas décadas da hegemonia da livre-expressão. Mas nem sempre esse assunto tem sido discutido de maneira a considerar o sujeito da leitura: o aluno. E é justamente esta proposta que se deseja, levar em consideração, as



condições de construção de conhecimento do aluno no domínio da leitura estética. Afinal não há leitura de imagem que não seja influenciada pela experiência de vida do leitor (FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO, s.d).

Exercer a cidadania em nossos tempos é desenvolver um olhar mais apurado que perceba os sentidos implícitos nos textos. Para que a palavra e a imagem possam comunicar significativamente, é preciso que se realize um trabalho sobre elas. O trabalho de leitura e de mediação que a palavra e a imagem requerem, no mundo atual, torna-se imperativo em uma perspectiva de conhecimento, de humanização e de inserção social dos indivíduos.

Buoro (2002) ressalta a importância do conhecimento sobre a história da arte e o exercício constante da leitura da imagem para quem trabalha com o ensino da arte. Como encaminhamento para a apropriação do conhecimento, a pesquisadora propõe um percurso em seis momentos, ou seja, no primeiro sugere olhar atentamente a imagem e descrever tudo o que nela está presente. No segundo, perceber a imagem como um texto visual e destacar toda sua estrutura compositiva (elementos formais). No terceiro, observar imagens de produção anterior e posterior produzidas pelo mesmo artista para estabelecer relações. No quarto, realizar pesquisas para entender em que contexto sociocultural foi produzida a imagem. No quinto, colocar a imagem em diálogo com a produção artística do período em que ela foi produzida e período anterior, bem como posterior, a fim de estabelecer relações. E, no sexto momento, construir um texto verbal com o objetivo de registrar a leitura realizada do texto visual.

Buoro (2002) propõe que o ensino da história da arte a partir da leitura da imagem, ou seja, que a imagem deve ser apresentada aos alunos e explorada antes mesmo de se falar sobre o movimento artístico ao qual ela pertence e a biografia do artista, porque a imagem como signo está carregado de significação, por isso não deve servir apenas como ilustradora de um contexto.

Devido ao crescente número de informações visuais que recebemos cotidianamente, destacamos a importância do aprendizado dessa educação visual, onde o aluno aprenderá deste cedo à importância da sensibilização do olhar, ou seja, aprenderá que ler imagens e interpretá-las. Compreendendo quais as informações que elas nos trazem e o que nos dizem.

A criança, antes mesmo de ser alfabetizada já faz Leitura de Imagem, reconhece diversos produtos através da linguagem visual. Isso mostra o quanto é

importante trabalhar com a leitura de imagens, desde a Educação Infantil à Universidade, principalmente porque vivemos num mundo cercado por imagens.



Helen Allingham (Inglaterra, 1848 – 1926)

Menina lendo, s/d

Uma atividade de leitura de imagem em um processo educacional não deve se ater a aplicação dos modelos prontos. Ao contrário, devemos analisá-los para entender o princípio articulatório da proposta metodológica e buscarmos a fundamentação de cada uma. Penso que devemos escolher e criar os caminhos (metodológicos) levando em consideração a pertinência em relação a cada obra ou conjunto de obras, a partir das dimensões intervalares que elas nos propiciam, visando ampliar neste diálogo (íntimo/intersticial entre autor/obra/professor-mediador/aluno-fruidor) a construção viva e significativa de conhecimento em arte

e pela arte (RIZZI, s.d.).

Por isso, enquanto arte-educadores devemos defender a educação do olhar, a importância da arte na construção e reconstrução do conhecimento. As imagens não cumprem apenas a função de informar ou ilustrar, mas também de educar e produzir conhecimento.

CAPITULO II

2 LEITURA DE IMAGENS

Ler nas aulas de Artes Visuais consiste na observação e crítica de obras de arte, de objetos culturais ou de trabalhos realizados em classe, na leitura de imagens de diferentes gêneros como pinturas, fotografias, desenhos, charges, etc.,

Ao olhar uma obra de arte, assistir a um filme, observar uma pintura ou escultura, uma série de pensamentos podem ser criados pela mente, que a cada vez em que a atividade é repetida, podem ser diferentes.

2.1 A leitura de imagens na educação

Quando somos inseridos no mundo escolar nos tornamos alfabetizados somente com números e palavras e, no entanto falta-nos algo mais para entendermos o mundo que está à nossa volta. Mundo esse que não é mais feito somente por estes dois códigos.

O homem sempre manipulou formas, cores, sons, movimentos, texturas, entre outros, e buscou algo mais do que simplesmente suprir as suas

necessidades de sobrevivência. Ele sempre teve a intenção de se comunicar com os outros, utilizando diferentes linguagens. Esta maneira de pensar não é neutra, está dentro de uma cultura, de uma ideologia e supera o comum, transcende o real. É o criar que autentica o ser, altera o seu cotidiano.

As imagens possuem um forte apelo, impõem sua presença, é algo que contagia que nos chama a atenção. Assim, utilizamos constantemente a linguagem não verbal.

Estamos cercados por todos os lados por imagens, utilizadas em programas, propagandas, que nos seduzem e nos faz acreditar que são melhores para nós. Ditam a moda, as marcas, o modismo, comportamentos, o que devemos comer, beber ou consumir.

Na escola, o aluno está em constante contato com as imagens visuais, principalmente no livro didático, que constitui, na maioria das vezes, a única fonte de leitura do aluno.

Diante deste mundo, repleto por imagens pictóricas, a leitura também envolve ler imagens. Freire (1982) salienta que leitura é bem mais que decodificar palavras: é ler o mundo. Portanto, precisamente aprender a ler imagens. Pois assim como se aprende a ler, deve-se aprender a ver, sendo necessário entender, interpretar e operar com os códigos visuais.

2.2 A leitura de obra de arte

Muitos perguntam: é possível ler uma obra de arte? Sim! Como? Do mesmo jeito que aprendemos a ler, decodificar a linguagem verbal, ou seja, as letras, as palavras, frases, etc., precisamos aprender a ler uma obra de arte.

Se ler é atribuir significados a algum texto, no caso de obras artísticas, estamos falando de textos visuais, que são lidos a partir do momento que começamos a estabelecer relações entre as situações que nos são impostas pela

nossa realidade e de nossa atuação frente a estas questões, na tentativa de compreendê-las e resolve-las. A leitura se torna real quando estabelecemos essas relações.

Robert Willian Ott, professor da Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos, desenvolveu a metodologia Olhando imagens (*Image Watching*) para estruturar a relação do apreciador com a obra de arte. Sua metodologia foi configurando-se em função dos desafios que enfrentava como professor responsável pela prática de ensino e estágio supervisionado no departamento de arte e educação de sua universidade com uma audiência heterogênea em relação ao conhecimento, vivências artísticas e museísticas (SARDELICH, 2006).

A proposta de leitura de Robert Ott constitui-se num sistema dinâmico, integrado e articulado de seis momentos ou categorias. O sistema é um ensino de arte desenvolvido para museus, porém não é rígido, podendo ser adaptados para a sala de aula.

Para Robert Ott quando os alunos têm contato com as obras originais são desafiados à observação; adquirem mais conhecimento que serão úteis na hora da produção e os que estão acostumados a observar arte em museus e galerias estão mais propensos à pesquisa artística que exerce um papel essencial em arte-educação.

A metodologia Olhando imagens (*Image Watching*) vem fornecer conceitos para a crítica voltada à produção artística relacionando o modo crítico e o criativo de aprender em arte-educação. Apresenta o seguinte roteiro para treinar o olhar sobre obras de arte, podendo ser adaptado a atividades ligadas à cultura visual. O diferencial é fazer sempre a relação com a realidade do aluno. Segundo Robert Ott de início deve-se fazer um aquecimento ou sensibilização do olhar, apreciar a obra de arte. Aproveitando o que a imagem pode oferecer. Os olhos precisam

percorrer o objeto de estudo com atenção. Dando um tempo para a obra se "hospedar" no cérebro. Após estabelece cinco categorias seqüências:

- Descrevendo é o momento em que a percepção é priorizada e a enumeração do que está sendo visto é efetuada. Descrevendo o que vêem.
- Analisando enfoca e desenvolve os aspectos conceituais da leitura da obra de arte. É hora de perceber os detalhes. Objetivando estimular o aluno a prestar atenção na linguagem visual, com seus elementos, texturas, dimensões, materiais, suportes e técnicas.
- Interpretando é o momento das respostas pessoais à obra de arte, objeto da apreciação, onde os alunos expressam suas próprias interpretações, sensações, emoções e idéias a partir do contato com a materialidade da obra, seu vocabulário, gramática e sintaxe.
- Fundamentando é o momento de trazer o conhecimento adicional disponível no campo da História da Arte. A intenção é de ampliação do conhecimento para conhecer mais sobre a vida do artista, sua carreira artística, seu processo de produção ou analisar recortes com reportagem sobre o artista ou a obra analisada, catálogos de exposição, enfim materiais que possa ampliar o conhecimento, textos de diversas áreas do conhecimento para pesquisa, bibliografia, sites para consulta, selecionando os textos de acordo com os interesses e o nível de conhecimento da classe.
- Revelando é o momento de culminância do processo de ensino da arte através da crítica de arte. Neste momento, o aluno tem a oportunidade de revelar, através do Fazer Artístico, o processo de construção de conhecimento por ele vivenciado. Com tantas novidades e aprendizados, a turma certamente estará estimulada a produzir. É hora criar, desenhar, escrever, fazer esculturas, colagens, etc.



Essa proposta de Robert Ott é seqüencial, mas responde as propostas contemporâneas do ensino de arte, e o ensino da arte contemporânea, com sua diversidade, coloca os professores de Arte diante de questões que os leva a refletir e rever seus conceitos sobre a arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o estudo que a pesquisa bibliográfica possibilitou, concluo que como se aprende a ler, também se aprende a ver, dando sentido ao que se olha, ao que se vê. Ou seja, aprende-se a entender, interpretar e operar com os códigos visuais. A leitura, como já foi ressaltado, é um processo complexo que envolve não apenas a palavra, mas a imagem e os aspectos mais diversos do mundo. Como Freire (1982) aponta: leitura é bem mais que decodificar palavras: é ler o mundo. E diante de um mundo repleto de mensagens pictóricas, a leitura envolve ler imagens. Aprender a ler e produzir imagens é uma necessidade de compreensão do mundo, de suas modificações e também do fazer artístico. Além de ser um desafio enriquecedor, onde se aprende a não somente valorizar o fazer artístico, mas a compreender o olhar que vai além dos olhos, atribuindo sentido, significado as imagens que esta lendo.

Este ato de observar, ler imagens proporciona infinitas leituras e interpretações que variam de acordo com a compreensão de cada leitor, das experiências que cada um já viveu, da imaginação, das recordações passadas, ou seja, depende da bagagem de vida de cada um. Neste sentido, a imagem passa a ser vista como importante elemento de informação e quando assim explorada abre espaço para o estudo de seu potencial pedagógico, ou seja, podendo ser utilizada no processo de comunicação, além de contribuir para formação do próprio educando para conviver com esse “bombardeio de imagens” cotidianas. Equivocadamente há quem acredite que não necessitamos de conhecimento formal para realizarmos uma leitura de imagem, mas sem esse conhecimento a leitura torna-se superficial. Desta forma a leitura de imagem dentro do contexto escolar pode contribuir para ampliar o repertório imagético e o conhecimento em

arte. Pois a imagem também é uma forma de conhecer e representar o mundo, e como as palavras produzir idéias.

Portanto, a proposta adotada para realização da leitura de imagem no projeto de Curso foi a Metodologia de Robert Ott Olhando Imagens (Image Watching). Sua metodologia mostra de forma bem simples como é possível dialogar com a obra de arte. Para ele, quando os alunos têm contato com as obras originais são desafiados à observação, adquirindo mais conhecimento que serão úteis na hora da produção. Mesmo sendo um sistema de ensino de arte desenvolvido para museus, apresenta a flexibilidade, podendo ser adaptado para a sala de aula, tornando a leitura de imagem mais significativa. Dentro deste contexto, esta complementada o estudo da Leitura de Imagens no contexto escolar. A partir do momento em que o aluno observa uma imagem ele estará descobrindo as características, as técnicas e pode até deduzir os motivos que levaram aquele artista a tal criação, é o público que valoriza e atribui significados as obras, habilitar uma criança a tal conhecimento faz com que a arte nunca perca seus apreciadores. Oportunizando aos alunos a possibilidade de externar seus pensamentos, suas interpretações e inquietações, levando-os a um olhar mais atento. Assim sendo a leitura imagem traz uma importante contribuição no processo de desenvolvimento para uma leitura crítica do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC / SEF. 1997. p. 130.

BUORO, Anamélia Bueno. **Olhos que pintam**: a leitura da imagem e o ensino da arte. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=6PsEP21-YQoC&printsec=frontcover&dq=olhos+que+pintam&hl=pt-BR&ei=oD43TZarKMK88gbGo_33Aw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCkQ6AEwAA#v=onepage&q&f=false> Acesso em 20 jan. 2011.

CADERNO PEDAGÓGICO. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1530-6.pdf>> Acesso em: 04 mar. 2011.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/7772959/Sintaxe-Da-Linguagem-Visual-Donis-A-Dondis-72dpi>> Acesso em: 03 jan. 2011.

HERNANDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, São Paulo, v 15, nº. 42, 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>> Acesso em 15 01 2011.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FUNDAÇÃO MUSEU DO HOMEM AMERICANO. **Pinturas rupestres**. s.d. Disponível em
<<http://www.fumdham.org.br/pinturas.asp>> Acesso em 07 out. 2009.

FUNDAÇÃO IBERÊ CAMARGO. Guia do Professor. s.d. Disponível em:
<http://www.iberecamargo.org.br/content/escola/guia.asp> Acesso em 25 set. 2009.

MARTINS, Maria Helena . **O que é Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RIZZI, Christina. Contemporaneidade (mas não onipotência) do Sistema de Leitura de Obra de Arte Image Watching. **Boletim Arte na Escola**. S.d. Disponível em:
<http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=15> Acesso em 25 set. 2009.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Caderno de Pesquisa**. Vol.36 nº 128. São Paulo Maio/Agosto 2006. Disponível em
<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602006000100013&script=sci_arttext&tlng=es> Acesso em 02 out. 2009.

TIBURI, Márcia. **Aprender a pensar é descobrir o olhar**. Disponível em
<http://www.artenaescola.org.br/pesquisa_artigos_texto.php?id_m=26%3e>
Acesso em 02 out. 2009.

